



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação Educação (Currículo)
Revista E-Curriculum
<http://www.pucsp.br/ecurriculum>

ESPAÇO DE CRIAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DIGITAL

CREATION SPACE: A POSSIBILITY OF DIGITAL INCLUSION

DA SILVA, Nilce.

e-mail: nilce@usp.br

RESUMO

Este artigo apresenta de modo resumido a história do computador e as transformações impostas pelo mesmo na vida em sociedade. Assinalamos aspectos marcantes acerca do que se sabe sobre o mundo digital nos dias de hoje. Em seguida, assinalamos muitas das habilidades requeridas pelo usuário para que ela possa desfrutar das ferramentas colocadas à disposição pelo computador. Discutimos a insuficiência e limitações dos binômios 'alfabetização digital/ analfabetismo digital' e 'exclusão/ inclusão digital' para que, em seguida, apresentemos o conceito 'digitalismo a-funcional' como aquele capaz de propiciar maior conhecimento acerca da relação Homem / mundo digital por meio do 'espaço de criação', conceito winnicottiano.

Palavras-chave: mundo digital; espaço de criação; digitalismo a-funcional

ABSTRACT

This article presents in summarized way the history of the computer and the transformations imposed for exactly in the life in society. We designate some aspects concerning about this kind of knowledge in our days. After that, we show many of the abilities required to use the computer with its tools and possibilities. We argue the insufficiencies and limitations of the binomial 'digital literacy' and 'digital illiteracy' and 'digital exclusion' and 'digital inclusion', after that, we present the concept 'digitalism a- functional' as that capable one to propitiate greater knowledge concerning the relation Man/digital world by means of the 'space of creation', winnicottiano concept.

Key words: digital world; creation space; 'digitalism a-functional'.



Revista E-Curriculum, São Paulo v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005-2006.
<http://www.pucsp.br/ecurriculum>

INTRODUÇÃO

Até o final dos anos 70, reinavam os enormes computadores trancados em salas refrigeradas e operados apenas por alguns poucos privilegiados. Poucas empresas e bancos podiam possuir estas máquinas com a finalidade de tornar seus procedimentos internos mais ágeis.

Em apenas 30 anos, a IBM, que tem dominado este mercado ao longo do tempo, lançou o computador pessoal e, paralelamente a este domínio, outros nomes começaram a fabricar estas ‘pequenas máquinas’. E assim, neste curto período de tempo, para muitos, o computador pessoal passa a ser indispensável, transformando a relação que estabelecemos com o mundo em que vivemos.

Devido às rápidas transformações advindas desta ‘invenção’, muito ainda deve ser discutido e debatido, sobretudo, no âmbito acadêmico.

Para tanto, precisamos conhecer a(s) relação(ões) estabelecida entre as pessoas e os computadores, em particular, conectados à Internet. Para que, em seguida, possamos discutir dois conceitos que para fins do ‘mundo digital’ e deste artigo nos interessam. A saber: alfabetização/ analfabetismo digital e inclusão/exclusão digital. Finalmente, feito este percurso, apresentaremos um conceito que, talvez, possa contribuir para a compreensão do uso das tecnologias educacionais em sala de aula nos dias de hoje: ‘digitalismo a-funcional’.

Em primeiro lugar, vejamos alguns dados estatísticos referentes ao mundo digital.

Indicadores objetivos acerca do mundo digital no início do século XXI

De acordo com a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), apenas 305 milhões de pessoas, 5% da população mundial, têm acesso à Internet. Destas, aproximadamente, 45% encontram-se nos Estados Unidos da América do Norte; em torno



de 28 %, na Europa; 22 %, aproximadamente, na Ásia; 3,5% na América Latina, e o restante, no continente africano.

Neste sentido, cabe ressaltar que 40% da população mundial não têm interruptores nas paredes dos lugares em que moram e, surpreendentemente, 65% da mesma nunca usou o telefone como meio de comunicação.

No caso brasileiro especificamente, apenas 8% da população, em torno de 14 milhões de pessoas podem acessar a Internet de suas casas, sendo que destes, mais de 50% possuem nível superior completo.

Tem-se também, a partir do índice ‘e-gov’ _ com escala de 0 a 5 _ criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil recebeu o escore 2,24, sendo que o país melhor colocado foi o EUA, com escore 3,11 e o Líbano recebeu a pior classificação, sendo que a este país o valor dois foi atribuído.

Interessante ainda ressaltar, no que tange a desigualdade dos números neste assunto, as seguintes condições em que vivem os brasileiros. Em torno de 70 milhões de brasileiros precisaria poupar a sua renda durante, aproximadamente, oito anos para conseguir comprar um computador pessoal básico.

Neste sentido ainda, segundo dados do Instituto de Matemática e de Computação da Universidade de São Paulo, as causas para tal período de tempo constituir-se-iam pela falta de estrutura das telecomunicações, preço dos computadores, gastos com tarifas telefônicas e provedores, domínio do idioma inglês que domina 80% dos *WEBSITES*, dentre outros fatores.

Pensamos que, frente a estes indicadores objetivos que retratam o acesso ao mundo digital hoje e, note-se bem, não espelham a realidade da criação deste mundo digital, percebe-se a reprodução social desigual das demais distribuições de educação, saneamento básico, renda *per capita*, ou seja, distanciamento social gritante entre países desenvolvidos e os outros.

Diante desta situação, dois binômios foram cunhados no sentido de facilitar a percepção desta nova realidade social. Vejamos quais são eles e o que eles significam.

BINÔMIOS REFERENTES AO MUNDO DIGITAL

Os binômios criados atualmente e os mais veiculados que pretendem classificar, categorizar, compreender as desigualdades apontadas acima. São eles:



- 1- Alfabetização digital / Analfabetismo digital.
- 2- Inclusão digital/ Exclusão digital.

De acordo com a literatura com a qual temos contato nesta área, ‘alfabetização digital’ – em oposição ao ‘analfabetismo digital’ - significa em consenso, e de um modo geral, a capacidade de representação de diferentes modos de linguagens e idéias por meio do texto, da figura, da imagem em movimento etc., em meio eletrônico.

Ou ainda, ‘alfabetização digital’ diz respeito ao domínio, dentre outras, das seguintes habilidades: uso da Internet como biblioteca, uso da Internet para buscar informações; uso do *e-mail*. Organização da vida diária em diversos níveis: elaboração de orçamento doméstico a um demonstrativo financeiro de uma grande empresa, elaborar páginas da Internet, construir *sites*, participar de *orkuts*, criar *blogs*, jogar (*on-line* ou *off line*), escrever textos em um processador do tipo *Word*; fazer desenhos por meio do *Paintbrush*, consultar e desenvolver *software* e *hardware*, operar terminais de banco; fazer operações financeiras na Internet, usar *E-Zines*, elaborar e ser aluno de cursos a distância, participar de ambientes educativos virtuais, criar ambientes interativos virtuais, participar de *chats*, usar Intranet, armazenar fotografias, realizar filmes, realizar edição de programas de rádio, utilizar rádios *on-line*, desenvolver *software* livres, constituir redes e rizomas, agir como *hacker*, dentre outras inúmeras habilidades oferecidas pelas máquinas e seus respectivos programas.

Com relação aos termos ‘inclusão digital’ e seu respectivo antônimo, ‘exclusão digital’, há um consenso na literatura da área, assim como, na mídia das seguintes partes de uma mesma definição. Sendo assim, temos conhecimento de que ‘inclusão digital’ significa:

- a) A erradicação do ‘analfabetismo digital’;
- b) A promoção do ‘alfabetizado digital’;
- c) A democratização do acesso ao conhecimento digital;
- d) Elaboração de políticas públicas que permitam a inserção das pessoas no mundo da informática;
- e) Ações governamentais ou não que ampliem o número de usuários da Internet;
- f) A oportunização do acesso às tecnologias da informação independentemente da classe social e da localização geográfica do usuário;
- g) Parte da luta a favor da cidadania;
- h) É uma ponte para encontrar um emprego melhor;



- i)* Facilitar o acesso às tecnologias da informação e da comunicação de modo crítico para o desenvolvimento do ser humano;
- j)* MODOS de promover a inclusão social;
- k)* Incentivo de diferentes agências e instituições que por meio das novas tecnologias favoreçam o empreendedorismo, o encontro de um emprego melhor e uma melhora de vida do usuário;
- l)* Um conjunto de atitudes;
- m)* Fatores que pretendam colaborar para a inserção social das pessoas mais pobres no mundo;
- n)* A capacidade de usar as novas tecnologias;
- o)* Um modo de proporcionar novos horizontes às pessoas;
- p)* O possibilitar a todos o acesso às informações;
- q)* Possibilitar aprendizado e o diálogo sem fronteiras;
- r)* Possibilidade de uma pessoa dirigir sua própria formação;
- s)* A possibilidade de compartilhar a rede propagando valores tais como: democracia, direito à informação, cidadania, justiça, equidade, dentre outros;
- t)* A defesa de políticas públicas, nacionais ou estrangeiras que ofereçam a toda população o acesso ao computador e a Internet. Exemplo: tele-centros, instalação e manutenção de equipamentos em escolas e outros locais públicos;
- u)* A destruição de mitos que se construíram em torno da figura do computador como algo muito complicado de ser usado;
- v)* A promoção, o esclarecimento, treinamento, capacitação e desenvolvimento das pessoas com baixo poder aquisitivo para que as mesmas diante de um computador com acesso à Internet saibam aproveitar das suas ferramentas;
- w)* A facilitação para compra de computadores para os menos favorecidos por meio de políticas públicas de empréstimos bancários;
- x)* Permissão para que todas as camadas sociais tenham igualdade de acesso às novas tecnologias da informação;
- y)* Uma nova alfabetização – que beneficie o aprendiz e ainda a sociedade - que pretenda facilitar a capacidade de localizar, processar e utilizar a informação de maneira eficaz por meio da aquisição das habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet.

Nós, neste artigo, conforme adiantamos anteriormente, pretendemos contribuir com a apresentação de um conceito ‘digitalismo a-funcional’ que, do nosso ponto de vista, pode tornar mais precisa a concepção que poderemos ter acerca da realidade digital que hoje é incontestável.

Para tanto, antes de apresentá-lo para reflexão e debate, retomaremos a origem deste conceito.

O CONCEITO DE ‘DIGITALISMO A-FUNCIONAL’: SUA GÊNESE

No nosso trabalho de doutorado, e de outros decorrentes da temática abordada, acerca do aprendizado da leitura, da escrita e da fala de (i) migrantes em situação de inserção em São Paulo, Paris e Gotemburgo, fizemos uma retrospectiva a respeito dos conceitos que procuram explicar e compreender a realidade de crianças, jovens e adultos em situação do aprendizado da Língua materna.

Para Nóvoa e Apple (1998), o termo ‘analfabetismo’ vem sofrendo sucessivas definições no âmbito do domínio da leitura e da escrita. Dentre elas, destacamos analfabetismo funcional para as pessoas de países de terceiro mundo que não sabem ler e escrever sua própria língua materna:

“Pessoa incapaz de exercer todas as atividades para as quais a alfabetização a alfabetização é necessária para o bom funcionamento da pessoa em seu grupo e na sociedade a qual pertence” (UNESCO, 1956).

Ressalta-se também que um dos últimos programas de Alfabetização em Massa no Brasil por meio da ONG ‘Comunidade Solidária’ – o ‘Alfabetização Solidária’ - baseia sua atuação, explicitada em seus documentos oficiais no conceito histórico proposto pela UNESCO citado acima.

Neste sentido ainda, um dos livros considerado referência para a compreensão acerca da alfabetização em Língua Portuguesa é “Letramento no Brasil. Reflexões a partir do INAF 2001”. Esta obra contém uma série de artigos que comentam o Indicador Nacional do Analfabetismo Funcional (INAF). Para realizar a construção deste índice, o Instituto Paulo Montenegro – criado pelo IBOPE _ e a Ação Educativa _ uma ONG, uniram-se e, por meio de uma amostra com 2.000 pessoas de entre 15 e 60 anos, verificaram as habilidades de escrever desta população.

Assim mesmo, do nosso ponto de vista, apesar dos esforços rigorosos na construção



objetiva de um indicador. O INAF trai os seus próprios objetivos, pois não consegue medir e explicar a relação Homem e Universo das Letras.

O mesmo ocorre com os binômios ‘analfabetismo digital/ alfabetização digital’ e ainda ‘inclusão/ exclusão digital’. Vejamos:

- 1 Trabalham com o termo ‘analfabetismo funcional’ que é arcaico e mergulhado em inúmeros preconceitos em que ser analfabeto significa também ser pobre, excluído, negro etc.
- 2 O INAF ignora a relação entre anos de escolarização e o Grau de estudo atingido por uma Pessoa. Sabemos que, os anos passados na escola, influenciam o modo de pensar do aluno mesmo que ele não progrida na seriação de modo considerado normal.

Apesar destas críticas, vale à pena apresentar os níveis de analfabetismo apresentado pela Ação Educativa em parceria com o Instituto Montenegro, para que se evite fazer o mesmo no que diz respeito à relação Homem / Mundo Digital.

Vejamos brevemente, no Nível 1:

[...] corresponde à capacidade de localizar informações explícitas em textos muito curtos cuja configuração auxilia no reconhecimento do conteúdo solicitado. Por exemplo, identificar o título da revista utilizada no teste ou em um anúncio, localizar a data em que se inicia uma campanha de vacinação ou a idade a partir da qual a vacina pode ser dada e qual vacina pode ser tomada gratuitamente. (MASAGÃO, 2003, p. 16).

Nível 2: “[...]Corresponde aquelas pessoas que conseguem localizar informações em textos curtos. Por exemplo, em uma carta reclamando de um defeito de uma geladeira comprada, identifica qual o defeito apresentado pela geladeira [...]” (MASAGÃO, 2003, p. 16).

No nível 3:

[...] corresponde à capacidade de ler textos longos, podendo orientar-se por subtítulos, localizar mis de uma informação, de acordo com as condições estabelecidas. As pessoas classificadas neste nível se mostram capazes de relacionar partes do texto,



comparar dois textos e realizar inferências e sínteses [...] (MASAGÃO, 2003, p. 18).

Conforme já adiantamos, na medida em que estamos em desacordo com esta proposta, apresentamos uma nova maneira de conceber a questão a qual pretendemos transpor para a realidade das tecnologias das informações nos nossos dias.

Segundo Jean Biarnés (1996), a palavra 'analfabetismo' não é satisfatória para conceber o aprendizado da língua escrita e, acrescentamos nós, a mesma não corresponde às necessidades para a compreensão do aprendizado das habilidades de manejo no mundo digital.

Questionamos: Será que existe alguma pessoa que não se relaciona com computadores nos dias de hoje de modo a ser considerado um 'analfabeto digital'? Será que todos aqueles que têm algum domínio do computador, da Internet estão socialmente incluídos? É o domínio do computador que permite a inclusão social?

O citado professor (1996, 1998, 1999), afirma que todos possuem uma relação com o universo escrito e nós, acrescentamos, com o universo digital.

O autor constrói o conceito de 'letrismo a-funcional' porque para ele, ninguém está totalmente fora da letra ou dentro da letra. Neste sentido, faz-se mister buscar as funcionalidades que existem na relação entre os seres humanos e o universo das letras.

Nós, quase que parafraseando, falamos em 'digitalismo a-funcional' que implica em funcionalidades externas que implicam em comunicação com os outros e funcionalidades internas, na economia psíquica do sujeito, situação esta muito pouco estudada, diga-se ainda que de passagem.

Nossa adesão ao conceito de 'letrismo a-funcional', e a 'adaptação' que dele fazemos em 'digitalismo a-funcional' indica o princípio da não estigmatização do sujeito já que estamos de acordo com Biarnés (1999) quando ele mesmo entende esta definição como parte de um amplo sistema de diversos significados sem que o sujeito, em relação ao seu meio, atribui significados a sua própria relação com o sistema escrito ou, neste caso, digital.

Ao adotar o conceito de letrismo a-funcional, ampliando-o para 'digitalismo a-funcional' perguntamos: Qual é o lugar do computador na relação dos alunos de uma sala de aula ou escola com os demais alunos? O que muda na relação pedagógica, ou nas relações domésticas em que o computador insere-se de modo ativo ou passivo? Mesmo



sem saber usar um correio eletrônico, o que significa esta prática para o não usuário? Até que ponto o uso do computador altera a identidade dos sujeitos em questão? Em suma: O que sabemos destas questões?

Na medida em que pouco se conhece neste sentido, temos reforçada a idéia de utilizar o conceito de ‘digitalismo a- funcional’ na medida em que ela não separa aqueles que sabem daqueles que não sabem, ele relativa o saber e mostra o que quanto nós, pesquisadores ainda temos que investigar. Ou seja, muitos sentidos precisam ser construídos tanto no mundo da prática pedagógica como na realidade, de um modo geral, que foi tomada pela digitalização. E neste sentido, não são conceitos estáticos, estigmatizantes ou ainda medido por meio de indicadores objetivos que nos farão avançar na compreensão desta nova sociedade que surge.

Inferimos que o uso do computador e das ferramentas que ele nos disponibiliza também permite o nosso encontro com o ‘outro’, ou seja, encontramos uma alteridade e, mais do que isto, a possibilidade de construir um “meu outro” em mim mesmo.

Assim, o problema do acesso ao mundo dos computadores ou a iniciação a esta realidade está posto. Para que por meio do uso do computador eu possa conhecer-me ‘outro’, é necessário que antes eu possa reconhecer-me nele, na máquina. Assim se eu sou obrigado a reconhecer na máquina o outro que eu deveria ser, antes de conhecer a mim mesmo, eu me encontro submerso em um *non-sens*, em um delírio. Este é o problema do uso dos computadores (ferramenta do ‘outro’, não minha).

Muitas vezes, o que se chama de ‘inserção no mundo digital’ não permite que o ‘espelho’ oferecido pelo mundo digital, pela máquina, faça com que a pessoa nela se reconheça. Há uma aderência entre máquina e eu que anula o espaço do jogo impedindo, fazendo com que ocorra uma aprendizagem superficial que logo se dissipa.

Dito de outro modo devemos saber como se dá o jogo da inserção/ exclusão nas sociedades hoje para reconhecer a relação ‘eu’ / ‘outro’ independentemente da ferramenta ou da linguagem utilizada.

Ou seja, diversas investigações podem ser realizadas para a compreensão do ‘digitalismo a-funcional’. E neste sentido, o conceito de ‘espaço potencial’ desenvolvido pelo psicanalista inglês, mostra-se bastante adequado porque ele abarca todas as relações de uma pessoa e a realidade que a cerca.

Aceitar a realidade interior concebê-la e relacioná-la com o mundo exterior é a grande tensão em que vivemos, conforme explicitaremos mais adiante.



Neste sentido, hoje, não conseguir utilizar o computador do modo como se gostaria constitui instância de sofrimento para as pessoas. Além disto, será que todos aqueles que parecem usar o computador e suas ferramentas com desenvoltura o fazem? Ou mais explicitamente, haveria já a construção de uma máscara, artifício, postura que indique o domínio do mundo digital mesmo que a pessoa que desempenha tal papel não domina o mundo digital?

Ou ainda, questionamos: quais os saberes mobilizados para aqueles que pretendem usar o computador? E quais fontes (afetivas, cognitivas, culturais ou étnicas) estas pessoas usam quando aprendem a manejar o computador? De onde provêm às dificuldades que estas pessoas encontram para utilizar as máquinas inteligentes? Por que pessoas com características externas semelhantes a outros indivíduos (idade, sexo, etnia...) têm maior ou menos facilidade para aprender a usar esta ou aquela especificidade do computador? Por que as pessoas procuram aprender a usar o computador? Ter que usar o computador estabiliza uma vida ou desestabiliza?

Sendo assim, neste ensaio defendemos o uso do conceito ‘digitalismo a-funcional’ porque o mesmo permite uma maior exploração da relação Homem e mundo digital e apresentamos as reservas que colocamos relacionadas aos usos dos binômios ‘alfabetização digital/ analfabetismo digital’ ou ‘exclusão/; inclusão digital’.

Nesta direção, algumas palavras acerca do conceito de ‘espaço de criação’, com base na teoria de Donald Winnicott (1975), são necessárias para que vislumbremos uma perspectiva de trabalho pedagógico no mundo digital, que leve em consideração a formação de uma nova identidade ao inserir-se neste mundo e todas as conseqüências advindas deste processo.

ESPAÇO DE CRIAÇÃO: A POSSIBILIDADE DO ENCONTRO “EU” VERSUS “OUTRO”

‘Espaço de Criação’ é um conceito desenvolvido pelo psicanalista inglês D. W. Winnicott que explica a relação estabelecida entre uma pessoa e a realidade exterior, como por exemplo: a relação estabelecida entre um professor e o conteúdo do seu ensino, e na mesma direção, a relação entre o futuro usuário de computador e as habilidades necessárias, assim como, as possibilidades oferecidas pela máquina.

Para este teórico, quando a criança é apenas um bebê, a primeira relação que ela



estabelece com a realidade exterior a ele, é com a sua mãe e constitui-se em torno da amamentação. Nas primeiras semanas deste ato, o bebê pensa que ele é o próprio seio da mãe, pois quando mama a sua satisfação é total, é uterina, ou seja, é de completude e satisfação.

Aos poucos, com o distanciamento da mãe e todo o processo de desenvolvimento neurológico sofrido pelo bebê, ele começa a perceber que o seio materno não está sempre à disposição dele e que, portanto, o seio da mãe não é ele, bebê. E distância entre mãe (realidade externa) e bebê (eu interior) foi definida por Winnicott com o conceito de ‘espaço de criação’ ou ‘espaço potencial’.

Na medida em que o bebê percebe que ele não é a mãe e que, entre ele e a mãe, existe um ‘espaço’ - físico e temporal - ou ainda que a mãe é realidade exterior a ele - o bebê faz inúmeras tentativas para preencher este ‘espaço’ e diminuir a sua angústia pela espera do seio materno.

Para preencher este espaço, o bebê precisa ‘inventar’ algo, colocar algum ‘substituto’ da mãe enquanto a aguarda, ou seja, ele precisa CRIAR para não sofrer. E assim, o bebê, enquanto a mãe não vem, contenta-se com uma mamadeira, com uma chupeta, com um paninho ou mesmo com o seu dedo.

Estes ‘objetos’ que se encontram entre a espera do bebê pela mãe e a chegada da mãe, objetos que minimizam a angústia foram chamados por Winnicott de ‘objetos transicionais’, e o despertar da criatividade para a solução da angústia da separação, foram conceituados como ‘fenômenos transicionais’.

Há que se entender que os ‘objetos transicionais’ não pertencem totalmente à realidade interior do bebê, porém nela influenciam diretamente; nem ao mundo externo, propriamente dito, pois são substitutos da mãe que o bebê ainda crê que faz parte de si.

Segundo Winnicott, esta situação de ‘ilusão’ - quando o bebê pensa que o seio da mãe é ele mesmo e a situação de ‘desilusão’ - quando a criança percebe que o seio da mãe não está sempre à disposição, repete-se na relação que o ser humano estabelece ao longo da vida entre ‘ele’ e a realidade exterior a ele.

E sendo assim, para que este ser humano torne-se saudável, faz-se mister ‘criar’, produzir ‘fenômenos de transição’. Só assim, um diálogo interno poderá ocorrer o que fará cada ser humano tranquilizar-se frente à eterna questão que nos acompanha: Quem sou eu?

O mundo digital pode oferecer aquele que dele se aproxima uma gama de possibilidades para que o ato criativo ocorra e que, por meio deste, os aspectos deste ‘novo



lugar' possam ser-lhes significativos na medida em que podem contribuir para que ele resolva uma de suas angústias existenciais básicas: como me relaciono com a realidade que é externa a mim.

Em suma, para aqueles que de uma maneira ou de outra rejeitarem o contato com o computador, com a Internet, por exemplo, pedindo para que outros façam em seu lugar, por se considerarem velhos demais para aprender, longe de necessitarem de rótulos, precisam ser compreendidos na relação Homem / máquina e nossa sugestão está constituída pelos conceitos 'digitalismo a-funcional' e 'espaço de criação'.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. e NÓVOA, Antonio (Orgs.) **Paulo Freire: Política e Pedagogia**. Porto: Porto Editora, 1998.

BIARNÈS, Jean. Jeunes et adults en échec, mais encore! **Education**, Paris, v. 24, mar.-mai., 1996.

_____ O ser e as letras: da voz à letra, um caminho que construímos todos. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, jul.-dez., 1998.

_____ **Universalité, Diversité, sujet dans l'espace pédagogique**. Paris: L'Harmattan, 1999.

DANIEL, J. **Educação e Tecnologia num Mundo Globalizado**. Brasília: UNESCO, 2003.

LEVI-STRAUS, Claude. **Seminário dirigido por Claude Lévi-Strauss: L'identité**. Paris: Quadrige/ Presses Universitaire de France, 1977.

LITWIN, Edith. (organizadora) **Educação a Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.



RIBEIRO, Vera Masagão (coord.). **Letramentos no Brasil: reflexões a partir do INAF.** Brasil/ São Paulo: Global, 2003.

SILVA, Nilce da. **Falar, ler, escrever: um estudo sobre o processo de formação e adultos lusófonos em situação de pouca escolarização.** Brasil/ São Paulo – França – Paris, 2001. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Université Paris-Nord.

SILVA, Nilce da. **Espaço de criação: uma alternativa educacional.** São Paulo: Ieditora, 2003.

WINNICOTT, D. W. **Jeu et réalité. L' espace potentiel.** Paris: Editions Gallimard, 1975.

_____ **Tudo Começa em Casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ **Os Bebês e suas Mães.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Recebido em: julho de 2005.

Aceito em: setembro de 2005.

Para citar este artigo:

DA SILVA, Nilce. Espaço de criação: uma possibilidade de inclusão digital. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, dez.-jul. 2005-2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>, acesso em: dd/mm/ano.

Breve Currículo da autora:

Nilce da Silva – Profa. Dra. da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Coordenadora do Projeto Acolhendo (site: www.projetoacolhendo.ubbi.com.br). Pós-doutorado na Université Paris Nord. Doutorado na FEUSP e na Université Paris Nord. Mestrado na FEUSP. Graduação em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

